

Um dia de férias no Alto Changane

- Alô, alô, um dois três, experiência... transmissão em amplitude modulada em ondas médias... um dois, um dois três...

Estava eu agarrado ao microfone do meu primeiro emissor de rádio, que tinha construído a partir de materiais diversos, e tinha pedido ao meu pai que fosse de Land Rover com um receptor Grundig pela estrada adiante, na vila do Alto Changane, para ver até onde ia o alcance da emissão.

O Chassis era de um antigo rádio a válvulas, de marca Zíngaro, que o meu avô havia comprado lá na Metrópole e que eu tinha cuidadosamente desmanchado á procura de uma avaria quando lá tinha ido de férias visitá-lo, teria eu 10 anos e já adorava a electrónica e as ciências naturais. Na altura não tinha conseguido perceber a origem do problema. Só uns anos mais tarde, então já de volta a Moçambique e a estudar na Escola Industrial Mouzinho de Albuquerque em Lourenço Marques, adquiri os conhecimentos suficientes para perceber o que estava mal. Tarde demais, contudo. Já faltavam peças...

O andar de saída do emissor era constituído por uma válvula trétodo 807 excitada em classe C.

O circuito e o tanque de sintonia tinha sido calculado com a ajuda do Professor Alto da Veiga, então ilustre Físico no Laboratório de Radioisótopos do Hospital da Universidade de Lourenço Marques. Eu era amigo de um dos técnicos especialistas em equipamentos de medicina que lá trabalhava, o Sr. Vale, pelo que tinha entrada livre no Laboratório a funcionar no Hospital Central de Lourenço Marques. Sempre que podia, lá ia eu acompanhar os trabalhos e discussões científicas que aqueles investigadores lá faziam, e ficava fascinado com aquele mundo que excedia a fantasia da ficção científica. Quando lhe expus o meu projecto, numa das longas tardes de folga após as aulas, ele calmamente foi corrigindo o desenho aqui e ali, isto feito de cabeça e numa conversa de corredor, enquanto fazia cálculos mentais para os valores correctos da bonina e do condensador do tanque de saída do meu emissor... aquilo que para mim era na altura intransponível, para o Professor eram umas simples contas de cabeça!

Ali se fazia investigação na fronteira da Ciência! Segundo se dizia, nem na Metrópole dispunham do nível de equipamento que a Universidade de Lourenço Marques tinha nos anos 70, desde os melhores osciloscópios Tektronix e HP, aos multímetros AVometer, às Fontes de Alimentação de precisão da Philips, aos

dispositivos Foto-multiplicadores capazes de detectar um único Fotão, até ao sistema de rastreio Picker que era capaz de representar graficamente e a cores, uma imagem do corpo humano mostrando as áreas de maior e menor absorção de radiação isotópica que antecipadamente tinha sido injectada no paciente. Tratava-se de uma técnica revolucionária capaz de detectar tumores na sua fase original, muito tempo antes que quaisquer outras técnicas então disponíveis para o efeito o conseguissem.

A equipa de investigadores dominava vastas áreas como a Física e a Electrónica, lidando com os mais modernos materiais da época, e sobretudo a Medicina, já que se tratava de desenvolver métodos de diagnóstico da doença mais evoluídos. Não raras vezes aqueles investigadores viram os seus trabalhos publicados nas revistas americanas da especialidade.

No Laboratório de Radioisótopos eu sentia-me verdadeiramente empolgado e participava naquele ambiente de discussão aberta e científica, de grande camaradagem e entreajuda, tendo eu aprendido ali muito sobre Ciência e tecnologias.

O andar de modulação tinha sido desenhado com a ajuda dos livros do meu amigo Sr. Vale. O Sr. Vale, como eu o tratava, era 10 anos mais velho que eu, pelo que teria aí uns 27 anos, isto em 1973. O Vale tinha vindo de Portugal, depois de fazer um dos cursos técnicos de Paço de Arcos, incorporado na Força Aérea e enviado para o mato em Moçambique combater o terrorismo. Excêntrico como era, não o terão querido lá por muito tempo, pelo que foi desmobilizado e arranjou emprego com facilidade em Lourenço Marques. Quando o conheci, éramos ambos pensionistas da Beira Alta, uma pensão da Afonso de Albuquerque, próximo do cinema Manuel Rodrigues. Ele tinha um quarto independente, eu partilhava o meu com um velho emigrante brasileiro. Quando descobrimos o nosso interesse comum pela Electrónica, ele começou a emprestar-me os seus livros, que eu li e onde muito aprendi.

O Sr. Vale coleccionava não só livros como também componentes electrónicos. Tinha de tudo e em quantidade. Tinha grandes planos para o futuro. Queria montar um Laboratório de Electrónica para investigação e criação de dispositivos por projecto. Quando se deu a Independência em 75, ainda alimentava esse sonho, que eu naturalmente partilhava, apesar do desdém e descrédito que os sogros e a Guida, sua mulher, lhe mereciam. Que eu saiba, nunca realizou o seu sonho.

Mas a beleza da vida reside nisso mesmo, na capacidade de sonhar. Bem-haja ao Sr. Vale pela sua bondade e excentricidade.

- Zé, já voltei, olha que se consegue ouvir a emissão até perto do “compound” da “Wenela”!

- O quê Pai, lá no posto de recrutamento das minas sul-africanas? Não é muito longe...
- Devem ser aí uns 3km...
- Ya, no máximo... Bolas, deve haver aqui um problema qualquer na antena...

A antena tinha sido montada na véspera, com a ajuda do Fabião, o nosso mainato de serviço à residência dos meus pais. O meu pai, como funcionário público, tinha direito a ter dois funcionários nativos para ajuda na casa. A minha mãe dispensava o cozinheiro porque era ela que gostava desse trabalho, mas deixava o tratamento das plantas e dos animais de capoeira do quintal para o Fabião. Eu estava no Alto Changane a gozar as minhas férias grandes, e tinha este projecto do emissor na cabeça havia muito. Convenci o meu pai a deixar-me instalar dois postes de 12 metros de altura cada um, um na frente da casa e outro nas traseiras do quintal, e entre eles coloquei uma antena horizontal de meia onda, com baixada feita com um simples fio condutor... é claro que a adaptação de impedâncias não era a melhor, e os resultados estavam á vista...

- Zé, anda comer!!!
- Já vou, mãe... olhe, a gata anda a miar pelos cantos, coitada!
- Foi porque eu dei os filhotes ao Fabião, que gosta muito de gatos. Não quero cá tanta gataria em casa!
- Vou só lá fora pedir ao Fabião que desça o mastro da antena, antes que ele se vá embora...

A nossa gata era boa parideira. Todos os anos tinha uma bela ninhada de gatinhos. Por ali havia muitos gatos selvagens, e as gatas domésticas misturavam-se com eles, saindo dali crias muito variadas e bonitas.

Era sabido que o Fabião, um changana quase sempre rabugento, na casa dos 40 anos, mas cumpridor, de charro no canto da boca, também gostava da nossa gata, e fazia-lhe grandes festas, tratando-a muito bem.

No mês anterior a minha mãe tinha-lhe dado os gatos da ninhada.

- Fabião!!!
- Pronto, Senhora!
- Tu gostas de gatos, não gostas?
- Oh, Senhora, gosta maningue, gato ser muito bom!
- É bom, é! Caçam ratos, são muito úteis! Então podes ficar com um gatinho... sabes quem mais possa querer um gato? Eu queria oferecê-los todos...
- Fabião ficar com todos, Senhora. Fabião ter família grande. Não há problema!

O Fabião estava sentado sobre uma das patas de elefante que agora servia de banco.

O elefante tinha sido abatido a pedido das populações, que temiam a destruição das suas culturas de mandioca e milho pelo paquiderme. Era sabido que o elefante tem boa memória, e preserva o seu território para si e seus. Foi um azar o território do elefante ser também o território dos homens.

Obtida a autorização de abate, o caçador profissional, também um changana da região, deu início ao festim das populações naquele fatídico dia para o bicho. Um tiro certo de uma 375 na vista e o bicho tropeça no seu peso e desfalece lentamente.

Depois das fotos da praxe dos colonos portugueses, a multidão de nativos aproxima-se e esquartera o animal. Ao fim do dia, nada havia no local. Ao meu pai couberam duas patas, parte dos pelos do rabo e uma secção da tromba. Os pelos do rabo são grossos como agulhas de pinheiro europeu, mas mais duras, sendo muito apreciadas pelos nativos para fazer pulseiras e afins. A tromba era, segundo os especialistas, a melhor parte do elefante, dando uns belos e gostosos bifés. A minha mãe preparou os ditos bifés com bastante suspeição, e no final nem eu, que era um entusiasta da culinária africana, fui capaz de rilhar aquilo. A tromba era dura que nem bife de boi velho!

- Fabião, dá-me uma ajuda a descer a antena, ok?

- Vamos lá, menino. Eu faço isso, podes ir comer.

O Fabião apagou cuidadosamente o charro inacabado de suruma da melhor qualidade que se cultivava na região, e pôs-se de pé para o trabalho. Enquanto fazíamos a desmontagem das espias do mastro da antena, perguntei-lhe pelos gatos. Afinal eu também sou muito amigo de gatos...

- Fabião, e os gatinhos que levaste, como estão?

- Hum, Fabião gostar de gatos, mesmo! Minha mulher cozinhou guisado na panela de ferro, gatos ficar muito bem mesmo! Senhora ser muito amiga de Fabião!